

LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS: A EXPERIÊNCIA DO APRENDER SURDO

PORTUGUESE LANGUAGE AND LIBRAS: THE EXPERIENCE OF LEARNING DEAF PEOPLE

Priscila Silveira Soler¹

Vanessa Regina de Oliveira Martins²

Resumo: O presente trabalho objetiva compartilhar alguns dos resultados de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa objetivou analisar, pela perspectiva filosófica dos estudos surdos, o processo do aprender a Língua Portuguesa escrita, com base na experiência visual, apontando o saber relacional entre as línguas (oral escrita e a de sinais) e a produção híbrida adicionada a um novo lugar de inscrição destas práticas nos corpos surdos. A pesquisa refere-se a um estudo teórico com inspiração genealógica, com dados empíricos coletados em entrevistas e rodas de conversa com quatro participantes surdos sinalizadores. Os dados foram analisados pela perspectiva teórico-filosófica da diferença, especificamente nos estudos teóricos de Michel Foucault. Os instrumentos da pesquisa foram: observação, registro em caderno de campo, entrevista com os participantes surdos e rodas de conversa com a intervenção do pesquisador. Os resultados da pesquisa afirmam que o processo do aprender a Língua Portuguesa se forja na experiência com a língua de sinais e por ela se produz novos modos de vida constituídos numa *matriz de experiência* em que o sujeito é atravessado na interligação entre Libras e Língua Portuguesa.

Palavras-chaves: Educação Especial. Língua Portuguesa para Surdos. Língua Brasileira de Sinais.

Abstract: This paper aims to share some of the results of a master's research, carried out in the Postgraduate Program in Special Education, at the Federal University of São Carlos (UFSCar). The writing aimed to analyze, from the philosophical perspective of deaf studies, the process of learning the Portuguese language orientation, based on written and sign experience, and the process of learning the Portuguese language for the purpose of production, based on written and that of signs and the hybrid culture added to a new place of inscription of these practices in deaf bodies. The research is a theoretical study with wheels in genealogical inspiration, with interviews with four participants and in

¹ Doutoranda em Educação Especial e Mestra em Educação Especial pelo programa de pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Bacharela em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Paulo, Brasil. E-mail: priscila.soler@estudante.ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8276-9099>.

² Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Adjunta III na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente do Departamento de Psicologia (DPsi/UFSCar). Docente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs/UFSCar), coordena o Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue (UFSCar). Coordena um Grupo de Estudo em Educação e Filosofias da Diferença (GEEFiDi/UFSCar). São Paulo, Brasil. E-mail: vanessamartins@ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3170-293X>.

conversations signaling research. The data were analyzed by the theoretical-philosophical perspective, specifically in the studies of Michel Foucault in philosophy of difference. The research instruments were: observation, recording in a field notebook, interview with deaf participants and conversation circles with the intervention of the researcher. The results of the research that defend the process of learning the Portuguese language are already in the experience with the experience with the new language modes in which the experience is crossed in the interconnection between Libras and Portuguese Language.

Keywords: Special education. Portuguese Language for the Deaf. Brazilian Sign Language.

Introdução

Esse artigo objetiva apresentar resultados de uma pesquisa de mestrado, na área de educação especial, voltada aos estudos surdos, realizada no programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O objetivo da investigação foi o de analisar, pela perspectiva surda, o processo do aprender a Língua Portuguesa escrita, com base na experiência visual, apontando o saber relacional entre as línguas (oral escrita e a de sinais) e de que modo ele adiciona um novo lugar de inscrição destas práticas consideradas por nós como produção híbrida, marcando novos campos de experimentações linguísticas nos corpos surdos.

Apresentamos a surdez como uma experiência filosófico-ontológica (PAGNI; MARTINS, 2019) e os desdobramentos disso para o ensino da Língua Portuguesa de surdos, no processo metodológico necessariamente singular, ou seja, a necessidade de avançar teoricamente na discussão da diferença metodológica de ensino de surdo, com base nos pressupostos de ensino de segunda língua, a partir da materialidade de estudo das línguas orais voltada para sujeitos ouvintes (estrangeiros). Em nossa leitura há que se apontar as implicações de natureza ontológica acerca da condição de diferença, posta pela existência singular da pessoa surda, que é em rigor, totalmente distante das experiências produzidas por pessoas ouvintes, ainda que pensemos na analogia da diferença linguística e metodologias diferenciadas para alunos estrangeiros que fazem uso de línguas orais diferentes de sua língua materna.

Nossa afirmação é a de que embora tenha pontos em comum entre estes falantes (surdos e estrangeiros), a relação do sujeito surdo na hibridização da língua portuguesa, em sua forma visual/escrita e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), nos força a avançar a temática acerca dos problemas de métodos de ensino de segunda língua e a relação de produção da língua portuguesa no entrelugar à Libras. . Essa experiência surda deve ser

tomada pela lente filosófica, na direção analítica de um *ethos surdo*, que aponta a condição de acesso à língua portuguesa pela visualidade, as implicações que o ser visual surdo impõe ao acesso à uma língua de modalidade sonora e com correlação à conscientização fonológica ao processo de apropriação, e mais, a influência cotidiana dessa língua em suas práticas de vida. O foco do estudo e da hipótese posta nele foi de avançar na problematização da *relação*, ou seja, trazer foco para o entre-lugar que a experiência surda promove no encontro entre a Língua Portuguesa (LP) e a Libras.

Para esse embasamento foi necessário o desenvolvimento do conceito de língua matriz, como avanço para a conceituação de primeira língua, porque mais que apontar a importância linear e temporal de acesso à Libras, interessa-nos tomá-la como língua central para a construção existencial, uma vez que não concebemos a constituição subjetiva fora da relação com a (língua)gem. Além da discussão do processo de matriciamento do sujeito por uma língua, ousamos apontar a necessária ampliação do conceito de segunda língua, para menção à língua portuguesa, no caso de acesso dela aos surdos, tratando-a como uma língua adicional.

Estes estudos se deram com base nos pressupostos do acesso à uma língua por meio da relação com o outro (interlocutores em potencial) e com demais signos (discursos verbais escritos em contextos sociais de trânsito da pessoa surda) que possibilitam o ‘aprender’. Tais análises se dão pela lente filosófica foucaultiana, ao que se refere a analogia de língua matriz, alinhanda ao conceito de *matriz de experiência*; e na lógica deleuziana para falar do *aprender* como processo corporeo que se funda a partir do encontro com signos que por e com eles são adicionados novos saberes.

No primeiro tópico deste artigo apresentamos aos leitores dois conceitos-chave da pesquisa realizada, conceitos esses, balizadores para a compreensão das análises investigativas sobre a experiência visual surda e o aprender.

No segundo tópico apresentamos o percurso teórico metodológico investigativo do estudo, o qual foi sustentado pela arqueogenealogia foucaultiana, o que possibilitou trazer para a discussão certa a ampliação da perspectiva da inscrição da surdez como campo de saber, entendendo como esse campo produz verdades que o modifica historicamente e como ele se formou, a partir da abordagem social da surdez. A perspectiva arqueogenealógica utilizada como método investigativo contempla a produção de saberes, produzidos por enunciações como documentos científicos e jurídicos que solidificam certo campo e a perspectiva das relações de poder que produzem determinadas práticas sociais. Dessa maneira, a articulação entre saber/poder foi fulcral

para a construção metodológica deste estudo apresentado. .

No terceiro tópico desse artigo trazemos a análise dos discursos de participantes surdos, sobre a sua inscrição na LP e a relação dela com a língua matriz, a Libras, verificando de que modo os dados trazidos alinham-se aos pressupostos filosóficos aqui assumidos.

Pela investigação foi possível tornar visíveis as falas sinalizadas de estudantes surdos que tiveram muitas barreiras linguísticas em suas trajetórias escolares pela falta de acessibilidade e pela não valorização da Libras como espaço de matriciamento do seu saber. A partir das falas desses protagonistas e com foco no ‘*aprender*’ da Língua Portuguesa, em contexto educacional formal, mencionado pelos participantes em suas experiências formativas, é que foram feitas as análises discursivas por meio da análise do discurso francesa, a partir dos constructos de Michel Foucault (1969, 1979, 1996, 2001, 2010).

O foco se deu nos discursos dos participantes e em suas experiências reveladas pelas relações entre línguas, buscando compreender através de seus relatos, a gênese dos discursos nas práticas discursivas e não discursivas escolarizadas e suas manifestações no decorrer de suas vidas. Portanto todos os elementos apresentados pelos participantes envolvidos no processo importaram como fontes de discurso do acontecimento que se queria compreender.

I. A experiência visual surda e o aprender

Apresentamos dois conceitos-chave para a problematização acerca da relação *entre-línguas e entre-mundos* que vive às pessoas surdas: o de “matriz de experiência” e o de “aprender”, o primeiro estabelecido por Michel Foucault, e o Segundo por Gilles Deleuze.

O primeiro conceito apontado foi mencionado por Michel Foucault em 1983 na primeira hora da aula de 5 de janeiro de 1983, publicada na obra “O Governo de Si e dos Outros” (FOUCAULT, 2010).

O autor acentua que esse conceito é sintetizador de toda sua trajetória de estudo que sempre teve relação com o sujeito, portanto, reafirma seu comprometimento com as práticas de sujeição. Isso porque a matriz de experiência é constituída por três feixes/eixos: um da arqueologia e dos saberes, outro da genealogia e dos poderes, e um terceiro, o da ética.

Para o autor a matriz de experiência é o elemento base para a constituição dos processos de subjetivações. Portanto, o *ethos* (a forma de vida expressa pelo sujeito) não é algo dado de antemão, que nasce com o sujeito, de modo inato, mas é resultado de um processo de constituição que está imerso a um contexto histórico, produto de enunciações e criações sociais. É a experiência em sociedade e com interesses históricos demarcados que emergem os sujeitos, sejam eles sujeitos da criminalidade, sujeitos da loucura, sujeitos da sexualidade (estes estudados e mencionados por Michel Foucault), e que pode ser identificado em tantas outras formas de subjetivação: sujeitos surdos, sujeitos mulheres e etc.

Experiência da loucura, experiência da doença, experiência da criminalidade e experiência da sexualidade, focos de experiência que são, creio eu, importantes na nossa cultura. Eis, portanto, vamos dizer, o percurso que procurei seguir e que era necessário, honestamente, que eu tentasse reconstituir para vocês, nem que só para fazer um balanço. (FOUCAULT, 2010, p. 7).

É então, a partir de determinadas matrizes de experiência, ou seja, das experiências entre saber/poder e como, tais produções vão sendo incorporadas na vida do sujeito que vai se constituindo e por esse percurso há a emergência de um *ser*. Portanto, é necessário que se leve em conta todo seu percurso, enquanto experiência subjetiva e que traz continuidade, tendo antecedentes constituintes, ou seja, há uma ontologia ou emergência histórica que possibilita a aparição de determinados modos de vida. .

São a partir desses deslocamentos, e da constituição de possibilidades produzidas nas *matrizes de experiência*, que os sujeitos passam a se reconhecer em sua subjetividade.

O conceito de matriz de experiência na pesquisa foi utilizado para a compreensão do *ethos surdo* (das singularidades e composições da vida surda) e da pluralidade de vidas constituídas pelas experiências formativas desses sujeitos, avançando na perspectiva da escola e das práticas do aprender pela experiência, para pensar a educação, a pessoa surda e o aprender como avanço para uma política dos afetos e das experiências.

Levando a proposta de Foucault em consideração, é possível sustentar que a surdez é derivada de alguns condicionantes advindos de certos focos de experiência. Por conseguinte, a surdez é experiência que reduplica uma matriz de saber, uma outra de comportamento e ainda mais outra de subjetivação surda. Se é verdadeiro que foi a partir da formação de um saber clínico e científico sobre a surdez que se aplicaram técnicas de disciplinamento por meio de uma normativa, isto é, técnicas visando a produção de um comportamento surdo, também é verdadeiro que, partindo do comportamento surdo que se estabilizou sob vários efeitos dos dispositivos de governo da surdez,

haveríamos de chegar aos fundamentos dos saberes que consolidaram o mesmo jogo matricial da emersão de um experiência surda em detrimento de outra (CARVALHO; MARTINS, 2016, p. 11).

No que tange ao conceito de *aprender*, também fundamental para nosso estudo, ele foi apresentado em uma dimensão filosófica do pensamento de Gilles Deleuze. Em sua pesquisa o *aprender* é apresentado enquanto verbo, em sua forma infinitiva, porque coloca o processo em constante movimentação, ou seja, o *aprender* não como algo estático e acabado em si mesmo, mas sim, que se dá pela ação, de ser verbo em movimento, está sempre aberto em um campo de novidades para o corpo e para o pensamento signico, e o encontro com eles é o que mobiliza o aprender.

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. (DELEUZE, 2006, p. 4 – aspas do autor).

Ao tratar sobre o *aprender*, Deleuze (2003) diz que nunca se sabe como uma pessoa aprende, mas que a ação do aprender está inerente as relações e suas essências. É importante apontar que se aprende com (alguém) e não como o outro.

Em sua obra *Diferença e Repetição*, Deleuze (2006) traz a alegoria do ato de nadar para explicar o aprender, dizendo que ninguém ensina para o outro a nadar se o sujeito não tiver o encontro do corpo físico com o corpo água, pois, é quando o corpo físico está imerso no corpo água é que o sujeito é obrigado a lidar com o corpo água e então se colocar no aprender, ou seja, cria-se uma relação do sujeito com o objeto água.

Quando o corpo conjuga seus pontos relevantes com os da onda, ele estabelece o princípio de uma repetição, que não é a do Mesmo, mas que compreende o Outro, que compreende a diferença e que, de uma onda e de um gesto a outro, transporta esta diferença pelo espaço repetitivo assim constituído. Aprender é constituir este espaço do encontro com signos, espaço em que os pontos relevantes se retomam uns nos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo em que se disfarça. (DELEUZE, 2006, p. 31).

O aprender para ele é um processo de acontecimentos singular que exige interação

entre signos e entre corpos e que pode ser resultado da caminhada com um educador. A caminhada pode ser feita de modo colaborativo, mas a experimentação do aprender é sempre fruto da singularidade de um corpo-potência.

Dessa forma, iniciamos este primeiro tópico com o conceito do aprender como dispositivo que agencia encontros e produz novos campos subjetivos às pessoas surdas, concebendo o aprender na singularidade e efeito do ato de criação do sujeito em seus percursos, pensando o *aprender* como uma prática vivida pelas pessoas e como uma gama de práticas que são possibilitadas por experiências constituídas em sua atmosfera e no íntimo de suas subjetividades e onde se encontram

diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2006, p. 4).

Portanto, o aprender de uma língua, como dispositivo social de interação inter e intresubjetivo, envolve movimento de mudança do sujeito que por meio da linguagem e de seu encontro com esse signo vai sendo forjado. Se esse adendo mencionado ocorre no processo de construção de si, por meio de uma língua matriz (que integra o sujeito), essa prática também ocorre em processos de subjetivação em sujeitos que se constituem em duplo espaço e ação de línguas, no entre-lugar. No caso da pessoa surda que necessariamente se vê em constante contato com signos escritos de uma língua que ‘oralmente’ não lhe é familiar, mas tem relevância enquanto dispositivo de saber e produção de enunciação pelo estado, ela também, ao se ver diante de uma língua gestuovisual, pode se sentir ‘acolhida’ em sua diferença e ir se produzindo entre a língua social e a do coração. Retomaremos a essa discussão na parte dedicada as análises de dados neste artigo.

I.1.2 Estado da Arte: do ‘problema’ metodológico de ensino de segunda língua para a problematização ontológica da diferença pela relação surda *entre-línguas*

No decorrer do estudo realizamos um estado da arte buscando quais as pesquisas mais recentes que abordavam a questão da língua portuguesa escrita para a pessoa surda, e apresentassem os processos do *aprender* da língua portuguesa escrita por surdos. Produzimos o *Estado da Arte* das pesquisas sobre o tema, tendo como recorte temporal os últimos 10 anos, do período de 2010 a 2020, período este o qual foi justificado pelo desenvolvimento de normativas para a educação de surdos e um período de adequação da educação bilíngue (Libras/LP) após a implementação do decreto N° 5.626 do ano de 2005.

Esse recorte proporcionou a nós um panorama geral do que vinha sendo falado e implementado no âmbito do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa para surdos nos últimos anos, e os resultados mostraram que a maioria dos estudos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa escrita, primeiramente se baseavam em um questão sobre o conhecimento da língua, pressupondo que o aluno surdo, através de meios ortopédicos necessitava ter acesso ao português na modalidade oral para posteriormente ter acesso a língua escrita, a partir das leituras das pesquisas encontramos evidências de que o grande problema do fracasso escolar está relacionado à questão metodológica do como se ensinar a língua portuguesa escrita para a pessoa surda.

Os trabalhos de Ferreira (2016), Oliveira (2018), Paiva (2014) e Viana (2017), e nas teses de Almeida (2016), Mesquita (2019) e Souza (2018). em sua maioria as questões levantadas nesses estudos se concentram em 4 aspectos: 1) o problema de não considerar o modo de escrita da pessoa surda como representação gráfica de uma língua de fato (não a considera como LP), mas entende o modo de escrever surdo como um espaço de transição, um hiato produzido por uma pseudo-escrita, até atingir a LP na sua variação normativa culta; 2) partem de metodologias de segunda língua nos estudos em línguas de modalidade oral/auditiva, desconsiderando a experiência orgânica ou o ethos surdo; 3) apresentam que a LP escrita para a pessoa surda deve ser ensinada dentro de contextos vivenciados e experienciados pelos aprendizes, partindo de um ensino produtivo que relacione as motivações dos aprendizes com o que se é aprendido; 4) apresentam a formação docente relacionada ao aprendizado do aluno surdo, partindo da ideia de que a evolução dentro da escrita da LP depende de como o professor ministra suas aulas e de

como os conteúdos são abordados com aquele alunado, todavia, não se apresentam modos de como o docente deve ensinar esse aluno.

Por meio dessas leituras, em suma, ficou para nós notória a percepção de certa carencia científica de pesquisas que tratem sobre o *aprender* surdo e o modo desse *aprender surdo* da língua portuguesa, considerando-a como uma língua adicional e não apenas como uma segunda (dado o momento de aprendizado dessa língua e a importância dela no seu cotidiano) ou interlíngua, mas que considere o português escrito da pessoa surda como uma língua que adiciona conhecimentos ao sujeito e que parte do processo de uma mescla com sua língua matriz, sendo resultante em suas matrizes de experiência: na relação saber e pode entre as línguas e as instâncias em que o português lhe aparece como língua de valor social e a Libras como língua de valor subjetivo. Ora, o sujeito não pode escolher não se relacionar com a língua majoritária de seu país, todavia, as formas de ensino que a ele são apresentadas, por vezes, limitam ou apagam as especificidades de um corpo que não produz sentido na escrita desta língua por caminhos comuns como em falantes de línguas orais. Tais matrizes devem ser estabelecidas pelo modo de ser do aprendiz, pensando o aprender como uma prática vivida por essas pessoas e como uma gama de práticas que são possibilitadas por experiências constituídas em sua atmosfera e no íntimo de suas subjetividades.

No que concerne à perspectiva da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, propusemos uma nova concepção embasada pelos conceitos das filosofias da diferença, interseccionando para uma concepção que se configura como língua adicional. Já que como mostrado nos resultados de estada da arte, são praticamente inexistentes os estudos que tratam sobre a língua adicional, tanto em áreas gerais de estudos linguísticos como de maneira mais específica na área que esse estudo se aplica na área da surdez.

Em contaposição, alguns estudos mais evidentes sobre a questão da língua adicional são temas de pesquisas de autores como Leffa e Irala (2014), os quais contribuíram para a construção deste pensamento de pesquisa. Os autores abordam a língua adicional como uma língua que gera oportunidades ao sujeito para acrescentar conhecimentos que lhe façam sentido para a vida, possibilitando a ele circular por diversos ambientes sociais e se posicionar em diferentes contextos que esteja presente. Dessa forma:

Trata-se de uma língua que o aluno aprende por acréscimo, além da(s) que ele já sabe e que, por isso, pode ter como ponto de partida outras línguas, o que sugere possivelmente uma convivência pacífica entre as

línguas, já que o domínio de cada uma atende a objetivos diferentes; são conhecimentos que, a priori, não competem entre si, mas que se complementam. Na medida em que a língua adicional parte da língua materna, há uma tendência metodológica de se valorizar o contexto do aluno, desde suas práticas sociais, os valores de sua comunidade e uma visão crítica da aprendizagem da língua. (LEFFA; IRARLA, 2014, p. 22).

Assim, os autores propuseram um novo olhar sobre as denominações de línguas que vem conseguinte à apropriação da língua que subjetiva uma pessoa, já que a língua adicional exige minimamente que o sujeito tenha se apropriado de uma língua, a qual é sua base, ou seja, lhe é matricial, e já consta em seu repertório e práticas sociais.

Ou seja, para a pessoa surda a libras atua como língua matriz e a língua portuguesa como língua adicional, já que a libras como língua matriz e fundamental para o desenvolvimento cognitivo e para as constituições subjetivas do sujeito surdo, e a língua portuguesa escrita uma língua que se encontra em todos os aspectos da realidade em que o indivíduo pertence, dessa forma, a língua portuguesa vem para o sujeito não somente com os aspectos relacionados a regras gramaticais e práticas metodológicas amalgamadas, mas como uma língua que acrescenta e adiciona conhecimentos ao sujeito e se hibridiza com a libras, fazendo com que a construção do sujeito seja por meio, com e através dessas duas línguas, libras e língua portuguesa, ou seja, a realidade dessas vidas híbridas na relação entre línguas.

II. Percurso teórico metodológico

A pesquisa se embasou em um movimento genealógico de investigação que se refere as relações de produções e vidas surdas emergentes a partir das produções de verdade disseminadas socialmente e que produzem matrizes de experiências possíveis: as formas de vida e os modos de constituição de surdos diante destas práticas. Esse movimento foi realizado por meio da aproximação de sujeitos surdos que falaram de suas vivências e nos oportunizaram conhecer um pouco de suas práticas com a Língua Portuguesa em entrevistas e rodas de conversas. Esse procedimento adotado foi fundamentado pela lente foucaultiana assumida ao afirmar que só se conhece parte de um acontecimento histórico quando mergulhamos na microfísica cotidiana e desbravamos as ações e os poderes que o fundamentam, e nisso, analisamos as relações que os fizeram emergir como possibilidade prática e de discurso.

Interessa-nos olhar a história pelas microfissuras, sobre as histórias e os discursos que emergem das falas dos protagonistas, interrogando sobre a emergência de determinados discursos de um campo de produção de saberes, dando atenção ao “como?”, ou seja, ao processo dessas formações discursivas, procurando mostrar como se construíram, para responder a quais necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que forças exerceram sobre si efetivamente, em que medida foram contornadas e quais contracondutas usaram (FOUCAULT, 1970).

A inspiração genealógica anunciada foi fundamental para o percurso assumido nesta pesquisa. A partir dela apresentamos as análises realizadas por meio de falas dos protagonistas surdos sobre seu processo de aprender a Língua Portuguesa escrita, ou seja, o foco se deu nos discursos dos participantes e em suas experiências reveladas pelas relações, buscando compreender através de seus relatos a gênese dos discursos nas práticas não discursivas escolarizadas e suas manifestações.

Quanto ao aspecto genealógico, este concerne à formação efetiva dos discursos, quer no interior dos limites do controle, quer no exterior, quer, a maior parte das vezes, de um lado e de outro da delimitação. A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de agrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular (FOUCAULT, 1970, p. 65-66).

Com essa localização filosófica e contextualização da pesquisa passamos a descrever outros elementos também relevantes deste processo.

Foram sujeitos da coleta de dados quatro pessoas surdas sinalizadoras domiciliadas em cidades do interior de São Paulo, com idades entre 18 a 38 anos, com períodos e instituições de escolarização diferentes.

Pela razão da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus - SARS-CoV-2 - que vem acarretando a doença Covid-19 e o isolamento social em todo o mundo pelo alto índice de contaminação social, a coleta de dados ocorreu em ambientes de acesso virtuais (tendo sido feita totalmente na modalidade remota), em que cada participante em sua residência recebeu um link de acesso para a videoconferência das entrevistas e para as rodas de conversa.

Ressalta-se que para a coleta de dados e utilização, foi emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisas o Certificado de Apresentação de Apresentação Ética – CAAE número 38931220.9.0000.5504.

Os instrumentos utilizados para a coleta foram: a) Entrevistas, b) Roda de

conversa; c) Diários de campo e d) Vídeogravações

O intuito das entrevistas foi o de se realizar um mapeamento das experiências dos participantes e obter informações sobre como ocorreu o seu processo de escolarização e de acesso à Língua Portuguesa na modalidade escrita, as entrevistas foram constituídas por doze perguntas amplas abertas que se complementavam e suscitavam outras reflexões.

As rodas de conversas ocorreram em três dias distintos, cada roda de conversa teve duração média entre duas horas e duas horas e meia, cujo objetivo foi o de difundir a troca de experiências entre as pessoas vinculadas à pesquisa desenvolvida, promovendo a reflexão sobre os temas abordados e potencializar a discussão sobre fatores do grupo participante. Nas rodas de conversa todas as discussões partiram dos conhecimentos prévios dos participantes, para que assim, ao decorrer da conversa novas informações alimentassem a discussão.

No que se refere à captação e utilização de imagens, houve prévio consentimento dos sujeitos, bem como, foi feito o uso de pseudônimos para garantir o anonimato do participante.

Os diários de campo foram essenciais como instrumento para auxiliar no processo de registro das observações e análise de dados tanto nas entrevistas como nos encontros da roda de conversa.

Já as videogravações foram utilizadas para que posteriormente fossem feitas as traduções de trechos destas entrevistas, assim, foi possível observar as perspectivas dos sujeitos, a trajetória e as estratégias que lhes foram úteis para o aprendizado da LP e em qual situação eles percebem a importância do uso dessa língua.

III. Resultados e discussões

Para a análise teórica neste artigo traçamos três eixos de desenvolvimento que foram construídos pelas proximidades de experiências narradas entre os participantes, por terem sido movimentos aglutinadores de pontos comuns entre eles e que nos parecem serem pertinentes para a discussão nos estudos surdos e para o tema da pesquisa realizada

O eixo 1 foi produzido por meio de situações disparadoras que trouxe como cenas percorridas relatos que centralizam a linguagem como elemento simbólico que só se materializa em sentidos a partir de vivências coletivas e das práticas sociais que produzem saberes socialmente compartilhados. Dentro desse eixo a linguagem é abordada como produtora de modos de vida e para a análise dessa hipótese apontada fizemos uso do

conceito foucaultiano de Matriz de experiência, já apresentado resumidamente em momento anterior.

O eixo 2 produzimos através de situações disparadoras decorridas por meio de relatos, os quais abordam a Libras como Língua de conforto, língua do coração ou língua matriz em contraposição a Língua Portuguesa como língua de sobrevivência cultural na sociedade majoritariamente ouvinte. Nesse eixo foram retratadas as experiências de duas pessoas surdas em tentar incluir-se na sociedade majoritariamente ouvinte por intermédio da Língua Portuguesa, apesar de sua língua de constituição subjetiva e de conforto, como afirmam, ser a Libras.

O eixo 3 se constituiu a partir de duas cenas apresentadas por meio de relatos dos participantes. O escopo desse eixo se concentrou na escrita da Língua Portuguesa e no modo de produção da pessoa surda. Prática efetuada, a nosso ver, como insubordinação à gramática padrão e como ação de contraconduta à norma culta da Língua Portuguesa. Por fim, nesse último eixo apresentamos também algumas cenas em formas de relatos que trataram sobre situações que os participantes experienciaram em relação a não aceitação da sua escrita por leitores ouvintes em variados espaços sociais.

No primeiro eixo os modos de vida ali, são constituídos na *Matriz de experiência* em que o sujeito é atravessado, e os saberes sociais que configuram verdade a seu tempo, são constituintes de um dos eixos da *Matriz de experiência*. Pois, aquilo que é discursado com certa regularidade passou a ser reafirmado por muitos sujeitos e ganha veracidade: na família e na escola.

As práticas discursivas então, constituem um campo de saber para a surdez, que atravessa as maquinarias sócias com ações e conduções corretivas dentro da escola e se o sujeito surdo transita nestes espaços, os saberes pelas ações vão sendo incorporadas em si como elementos de sua subjetivação. Foucault (1995) menciona que para a arqueologia do saber – um dos pilares dos focos de experiência –, os discursos são práticas indissociáveis a determinado objeto e as suas relações.

fazer revelar as práticas discursivas em sua complexidade e em sua densidade; mostrar que falar é fazer alguma coisa – algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe, e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (e não somente uma situação, um contexto, motivos) e que comporta regras (diferentes de regras lógicas e lingüísticas de construção); mostrar que uma mudança, na ordem do discurso, não supõe “idéias novas”, um pouco de invenção e criatividade, uma mentalidade diferente, mas transformações em uma

prática, eventualmente nas que lhe são próximas e em sua articulação comum (Foucault, 1995, p. 237)

Tendo em vista que as experiências não acontecem de modo tênue, elas são da ordem da imprevisibilidade e por isso, muitas vezes, se dão de formas abruptas. Estão interligadas pelas relações de forças as quais são efeitos e também das relações estabelecidas pelas práticas discursivas e nas relações de poder, se chocando e tornando um campo de produção de subjetividades ou de processos de subjetivações nas microfísicas cotidianas.

Excerto 1: barreiras familiares imposta pela falta de interlocução entre línguas

Eu era o único surdo na escola em que estudei, não havia inclusão, minha mãe sempre me cobrava de escrever melhor, minha letra não era bonita, diferente de hoje, minha letra é bonita, parece de mulher (risos), tudo porque minha mãe me cobrava muito de escrever bem e com caligrafia bonita. Minha mãe não entendia porque eu não conseguia escrever muito bem e me levou até São Paulo, lá explicaram para ela que eu era surdo, que eu não escutava nada e por isso eu não entendia o que as pessoas falavam comigo. Minha mãe sempre conversou oralmente comigo, mas eu não a entendia. Até hoje ela faz isso, é muito difícil, uma barreira de comunicação imensa. Hoje em dia utilizo alguns gestos que ela se acostumou e entende, por questão de afinidade mesmo, mas ela não sabe língua de sinais, continua falando oralmente comigo. Consigo fazer leitura labial dela e entendo, mas ela é muito devagar para conversar porque já é idosa, é muito difícil, antes era bem melhor de nos entendermos mas com o tempo e a idade avançada dela foi ficando mais difícil, infelizmente. (ANTÔNIO, Coleta de pesquisa: entrevista realizada no dia 17.dez.2020)

Nesse primeiro eixo fica nitido que o funcionamento da linguagem como prática social é responsável pelos processos de subjetivação. Os modos de vida são constituídos na *Matriz de experiência* em que o sujeito é atravessado, pelas relações entre saberes e poderes que configuram verdade a seu tempo. Aquilo que é discursado com certa regularidade passa a ser reafirmado por muitos sujeitos e ganha veracidade seja dentro do seio familiar ou da escola, são tantos ‘falares’ sobre a vida surda que na narrativa acima é notório ver que seus modos de vidas refletem as práticas discursivas solidificadas.

A obrigação de confessar agora está presente em tantos pontos diferentes, tão profundamente arraigada em nós, que não a percebemos mais como o efeito de um poder que nos constrange; pelo contrário, parece-nos que a verdade, apresentada em nossa natureza mais secreta, “exige” apenas revelar-se; que, se não o fizer, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação. A confissão

liberta, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder, mas compartilha uma afinidade original com a liberdade: temas tradicionais em filosofia, que uma “história política da verdade” teria que derrubar, mostrando que a verdade não é por natureza livre – nem servil ao erro –, mas que sua produção está completamente imbuída de relações de poder (FOUCAULT, 1988, p. 60).

No segundo eixo abordamos a Libras como língua de conforto e língua do coração em contraposição a Língua Portuguesa como língua de sobrevivência cultural e de acesso comunicativo em direção a sociedade majoritariamente ouvinte. Nas rodas de conversa e entrevistas realizadas os surdos apontaram que devido à falta de igualdade de condições é por meio da Língua Portuguesa que eles tiveram que se inserir na sociedade. Quando não há a possibilidade de se expressar e interagir por meio da Libras, este é o modo de interação que mencionam ser mais favorável e as estratégias de estabelecimento de comunicação devem ser usadas, como apresentado abaixo no excerto da fala de uma das participantes.

Excerto 2: Relevância social do acesso à língua portuguesa padrão

Se eu não soubesse nada de português escrito seria mais difícil. Imagina como iria me comunicar? Infelizmente no mundo todo a maioria é ouvinte, eu não ia conseguir fazer coisas básicas do dia a dia, seria um sofrimento muito maior. São Carlos é uma cidade grande, tem intérpretes de Libras se você pedir, tem pessoas que sabem Libras e a gente consegue interagir, mas imagine na minha cidade, em Ibaté, uma cidade muito pequena, *eles não aceitam intérprete*, não aceitam língua de sinais, eles não sabem nada, imagine também na cidade de Pontal que é minúscula!? É muito difícil, é impossível. Por isso eu preciso saber escrever em português, se não, como eu me comunicaria com essas pessoas?! Como iria fazer coisas do dia a dia sem conseguir interagir? Infelizmente a acessibilidade em cidades pequenas ainda não existe, não é como na cidade de São Paulo, que é um modelo a ser seguido pois há acessibilidade. Se uma pessoa surda quer ter acessibilidade praticamente tem que ir morar em cidade grande, como São Paulo, mas o custo de vida é muito alto e a pessoa acaba morando em cidade pequena. Minha maior preocupação é sobre a acessibilidade em cidades pequenas, em como resolver esse problema. (MARIA CLARA, Coleta de pesquisa: entrevista realizada no dia 08.dez.2020 – itálico meu)

Temos a aparição mais uma vez do quanto a falta de acessibilidade linguística é determinante para a pessoa surda optar em fazer uso da Língua Portuguesa em diversos contextos sociais. Há marcadamente o desejo de expressão na Libras, mas há clareza de que os limites estão dados e impostos socialmente. Um paradoxo real, já que é por meio dessa língua que ele consegue ter acesso a oportunidades que somente com a Libras não seria possível, em linhas gerais, há uma concepção de que por meio da Língua Portuguesa é manifestada certa independência e autonomia, já que a falta de política linguística para

as comunidades surdas se mantêm porque a instrumentalização da Libras como um recurso para a língua oral é uma verdade ainda muito sólida.

No terceiro eixo abordamos as formas de resistências possíveis para as pessoas surdas, tanto no sentido de reafirmar-se por meio e com a Libras, quanto na apresentação de que fazem uso da Libras com o Português, ou do Português com a Libras, ou seja, um espaço *entre-línguas*. Os participantes surdos nos apontaram que a língua não é apenas uma instância social, mas que é parte da produção de singularidade, e é por meio dessa inserção em si, de uma forma de expressão, que vamos sendo “*línguas vidas*”.

Excerto 3: Relações entre mundos, surdos e ouvintes, e as percepções sobre as línguas

Outra situação é na escola: se estou de aparelho auditivo o professor fica me questionando a todo momento se estou entendendo a letra, mas não faz sentido, eu uso aparelho para escutar alguns sons e não para ver letras. Precisamos começar a lutar para melhorar isso, já lutamos tanto para a Libras ser reconhecida, para sermos reconhecidos como surdos e não como surdos-mudos, que Libras é uma língua e não uma linguagem. Mas e isso?! Aparelho auditivo não é algo mágico, é importante discutir sobre esse tema. Não é porque estou usando aparelho auditivo que irei começar a aprender tudo, que irei compreender tudo e escrever português perfeitamente. (MARIA CLARA, Coleta de pesquisa: entrevista realizada no dia 08.dez,2020).

Aqui foram apresentados falas dos participantes referente a falta de conhecimento sobre a surdez e sobre a Libras, a falta de conhecimento e a influência de práticas discursivas de cunho clínico/terapêutico adentram ao espaço escolar a partir de um saber muito fragmentado ao campo da educação especial, no sentido da intervenção por recursos para disponibilizar acesso à inclusão. Assim, há um menor investimento na percepção do ethos que está presente no âmbito escolar e mais preocupação com os adornos (aparelho auditivo, implantes) que podem o assessorar para estar ali. Tais estratégias se fortificam para que nessa instituição escolar haja ações que influenciam a concepção de que o aprendizado está colado à audição, na medida em que o sujeito ouve, ele aprende.

Essa ação de preocupar-se com adornos deixa a cargo da pessoa surda o seu acesso ao conhecimento, já que por ter esse entendimento de que o aparelho é a solução, age como se todas as igualdades e oportunidades estivessem em plena constância naquele ambiente, o que de fato não acontece, e reflete então na falta de acesso à informação, falta

de adaptação e principalmente na falta de respeito com aquele sujeito que é seu aluno.

Os relatos retratam as lembranças da escola, do ensino ‘para e com todos’ pelo viés da negatividade. Eles mencionaram que ali, por meio das técnicas coletivas, as mesmas usadas para surdos e ouvintes, eles não aprendem a escrever, mencionam ainda a espera que o aparelho potencialize o ensino como o feito para ouvintes. Este modo frustra porque não singulariza esse *ethos* surdo que pede a escuta de sua diferença e de suas especificidades.

A escola se apresenta como uma *Matriz de experiência* que está interligada à outras máquinas e que fazem funcionar formas de vida e é em meio aos saberes dessas matrizes, produtos destas máquinas, que emerge o ser surdo e que as regularidades discursivas podem ser vistas pelas análises trazidas. Mas nela também encontramos o deslocamento e o que excede e resiste à normatização produzida pelas/nas máquinas institucionalizadas: escola, família, associações, currículos, saberes.

Em suma, neste último eixo, eles denunciam que a singularidade é o que mobiliza o aprender e o processo de ensino não pode ser pensado pelo universal, mas sim pelo específico, e só a necessidade de olhar para o outro e para a o outro e sua relação com a Língua Portuguesa que prolifera deslocamento e não fim em si mesmo.

Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1979, p.136).

As vivências investigativas mostraram o saber surdo sobre a Língua Portuguesa e ao mesmo tempo as inscrições sociais em seus corpos de que seu saber não é legitimado e não condiz ao padrão esperado de proficiência para uso da língua escrita. Apesar da Língua Portuguesa ser uma língua que proporciona acesso a essas pessoas surdas, ainda assim, esse português surdo não é bem visto, já que como os participantes relataram, sempre há uma tentativa de normatização e de padronização desse português escrito por eles.

Tais tentativas de normalização fazem pensar que essas formações discursivas sobre esse português surdo fora do padrão normativo da Língua Portuguesa escrita seja um apagamento dessa diferença surda, um apagamento dessa ontologia surda e desse ser surdo que se manifesta por meio de sua escrita e do que ela produz.

A pesquisa mostrou que a escola se coloca como espaço de produção subjetiva, portanto pela lente foucaultiana é uma *matriz de experiência* que está conectada à outras máquinas e que fazem funcionar e engendrar formas de vida, mas nela também encontramos o deslocamento e o que excede e resiste à normatização produzida pelas/nas máquinas institucionalizadas: escola, família, associações, currículos, saberes.

Os resultados mostraram que a constituição de sentidos por meio da Libras e da Língua Portuguesa escrita vem como produção de diferenças nos corpos surdos, sendo via dupla: o sujeito surdo modifica o português ao adicioná-la a si e ele é modificado pela LP nesta experiência de encontros, portanto, essa hibridização é da ordem do singular e o que perpassa a vida e o modo de ser surdo não é somente uma questão de vida pela linguagem, mas uma questão inerente a sua sobrevivência neste mundo.

O contato com a Língua Portuguesa não é uma escolha, já que é uma língua imposta em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Também foi reafirmado que o saber pela identidade única e os ideários de falantes ‘puros’, os segrega diariamente.

Considerações finais

A partir da concepção da vida surda como corpo que materializa a *relação* pelo *entre-lugar* das línguas, Libras e Língua Portuguesa, passei por conceitos filosóficos sobre as relações subjetivas por meio da experiência e do aprender alinhados ao ethos surdo. Estes conceitos instrumentos foram força para ler a subjetivação surda perpassada pelas matrizes da surdez e da escola. A escola se mostrou na pesquisa como uma Matriz de experiência que está interligada à outras máquinas e que fazem funcionar formas de vida. Se a máquina agencia vidas, ela produz desvios também. É o entre máquina e o extra máquina que nos importou na pesquisa, ou seja, a vida que excede à máquina. Foram em meio aos saberes produtos destas máquinas, que emergiram o ser surdo mas foram nelas também que encontramos o deslocamento e o que excedeu e resistiu à normatização produzida pelas/nas máquinas institucionalizadas: escola, família, associações, currículos, saberes.

A pesquisa mostrou que a constituição de sentidos por meio da Libras e da Língua Portuguesa escrita vem como produção de diferenças nos corpos surdos, sendo via dupla: o sujeito surdo modifica o português ao adicioná-la a si e ele é modificado pela LP nesta experiência de encontros, portanto, essa hibridização é da ordem do singular.

A dissertação fez enxergarmos que o que perpassa a vida e o modo de ser surdo não é somente uma questão de vida pela linguagem, mas uma questão inerente a sua sobrevivência neste mundo. O contato com a Língua Portuguesa para as pessoas surdas não é apenas uma escolha, mas uma imposição da sociedade majoritariamente ouvinte que não sabe a língua desses sujeitos. Reafirmamos ainda que o saber pela identidade única e os ideários de falantes ‘puros’, os segrega diariamente.

Dessa maneira mostramos no trabalho que a Língua Portuguesa é uma língua que os adiciona ao meio social e uma língua que propicia a eles novas formas de existências, tão significantes quanto a Libras, e que a força e importância da Libras como sua língua matriz lhe constitui uma inscrição matricial, dando sentido para aparecer ao mundo nesse lugar duro de experiência com saberes engessadores que podam suas criações e produções nômades na Língua Portuguesa experimentada por eles e vemos os movimentos pulsantes que reafirmam suas vidas na diferença.

Referências

CARVALHO, A. F.; MARTINS, V. R. de O. Anunciação e insurreição da diferença surda: contra-ações na biopolítica da educação bilíngue. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 391-415, 2016. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/22970/18067>. Acesso em: 13 abril. 2021

DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2004.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1969.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Graciano Barbachan. Publicação Original: 1970

FOUCAULT, M. **L'ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970**. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: PUC, 1974.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad de Maria Thereza da Costa e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 2ªed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Trad, de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M, **Ditos e escritos**. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. V (Ética, sexualidade, política), 2004.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 3ªed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005

FOUCAULT, M. Aula de 5 de janeiro de 1983 – primeira hora. *In*:. **O Governo de Si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. (Orgs.). Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. E-book disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/livro_espiadinha.pdf. Acesso em 17 jun. 2021

PAGNI, Pedro Angelo; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. **REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL**, v. 32, p. 88, 2019.